

# AS NAVES EM VIAGEM

São belas as barcas a cavalgar  
as nebulosas aquáticas do crepúsculo.  
As velas acesas ondulantes nos cabelos,  
algas filiformes  
no interior de líquidos segredos.

As grandes asas sob o impulso do vento  
a quase roçar o seu firmamento.

Têm linhas, as barcas, paralelas  
e sentidas. Lava-se a água  
donde vêm, as mãos unidas pela cintura  
no rosto carregado  
de ternura.

Entra a nave no recinto aglutinante  
do seu enigma  
escondido entre juncais.  
São lacunas na carta  
os lagos ignorados pelo saber dos lábios.  
Mexem no fundo  
a fervilhar escusamente.

Aladas barcas silenciosas incendiadas  
na outra margem. Não voam  
ainda.  
Suspendem-se latentes, húmidas,  
frementes.

Mensageiras, levam e trazem mapas  
pela estrada aérea, umbrosa  
e nua. Os pés ardentes  
nas barcas salientes  
sulcando os juncais.

Batem à sua porta de areia enigmática.  
Que degraus faltariam para o decifrar?  
Que sorriso para o seu sorriso, se acaso  
a minha nave o encontrar?

Reflexos rosados no rosto  
que as pálpebras tímidas tingem ao baixar.

O vento demora pensativo e aquático.

Tristes as barcas que os olhos  
escondem — da luminosidade do ar.